

IVES GANDRA DA
SILVA MARTINS

POEMAS
DE UM TEMPO ESQUECIDO

&
QUADRAS DE UM HOMEM COMUM



POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO
&
QUADRAS DE UM HOMEM COMUM



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

da

Academia Paulista de Letras

Academia Paulista de História

Academia Brasileira de Filosofia

Academia Brasileira de Letras Jurídicas

Academia Internacional de Cultura Portuguesa (Lisboa)

Academia Internacional de Direito e Economia

POEMAS DE UM
TEMPO ESQUECIDO

&

QUADRAS DE UM
HOMEM COMUM



Pax & Spes

Copyright © Ives Gandra da Silva Martins, 2015

2015
claudioliber@gmail.com

Breve Apresentação

Decidindo rasgar velhos papéis, encontrei os versos que, em edição particular, passo a veicular para familiares e amigos.

São 30 poemas a que acrescentei 20 quadras compostas em 2015.

Neste apagar das luzes, dedico-os à minha família e amigos.

SP. 20/08/2015.

Ives Gandra da Silva Martins

SUMÁRIO

POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO

I - POEMA DE MINHA VOLTA	13
II - POEMA DA PRÉ MADUREZA	15
III - TUS OJOS	17
IV - CASA DO MEU PASSADO	19
V - SONETO	21
VI - SONETO	23
VII - SONETO	25
VIII - SONETO	27
IX - SONETO	29
X - SONETO	31
XI - SONETO	33
XII - SONETO	35
XIII - SONETO	37
XIV - SONETO	39
XV - MUSA	41
XVI - SONETO	43
XVII - SONETO	45
XVIII - SONETO	47
XIX - POEMA DO EU MADURO	49

XX - PARA O ANIVERSÁRIO	51
XXI - AO SOM DE "DARLING"	53
XXII - SONETO	55
XXIII - SONETO	57
XXIV - NO CASAMENTO DA TIA TERESA	59
XXV - UM GRITO	61
XXVI - SERGIPE	63
XXVII - UM PAÍS CORRUPTO	65
XXVIII - O CAMINHAR DO TEMPO	67
XXIX - DUAS QUADRAS	69
XX - DOIS SONETOS:	
MEU TEMPO	71
61 ANOS DE NAMORO	73

QUADRAS DE UM HOMEM COMUM

I	77
II	79
III	81
IV	83
V	85
VI	87
VII	89
VIII	91
IX	93
X	95

XI	97
XII	99
XIII	101
XIV	103
XV	105
XVI	107
XVII	109
XVIII	111
XIX	113
XX	115

POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO

I

POEMA DE MINHA VOLTA

Voltarei a antigos hábitos.
Voltarei a ser eu mesmo
Com as minhas circunstâncias,
Estas minhas circunstâncias,
Que nos tempos do presente
São cicatrizes do tempo.

Voltarei a fazer versos,
A cantar com voz passável
Melodias seculares,
Voltarei a ser bondoso,
Ser honesto e ser leal
Com as minhas companhias.

Voltarei de um outro mundo,
Que me deu dinheiro, sonhos,
Mesclados com pesadelos.
Voltarei das garras cruas
Que a amizade desconhece,
Vivendo em turmas de amigos.

Voltarei a ser feliz.
Quando triste, serei triste
Sem as minhas circunstâncias,
Mas as minhas circunstâncias
Só virão atrás de mim,
Se eu alegre for alegre.

Serei eu somente eu,
Nos momentos recolhidos,
Quando vier do presente
E o passado revivido
Espalhará no futuro
A minha volta da vida.

Voltarei aos meus costumes
Voltarei a antigos hábitos,
Que a minh'alma não se esquece.
Voltarei, como um soldado,
Que ferido, em plena guerra,
Não morreu e retornou.

S.P., 26/05/60.

II

POEMA DA PRÉ-MADUREZA

Hoje,
Novamente,
Retornei ao verso indócil,
Do qual nunca,
Na verdade,
Me afastara.

A paisagem fechada de mim mesmo,
Reabriu-se
E a própria discrição
Não faltou à imagem redesperta.

Hoje,
Novamente,
Retornei ao verso indócil,
Docilmente,
Tão incrível... mas, docilmente.

06/12/59.

III TUS OJOS

*(Versão para o castelhano de
Guido Paz Estensoro)*

Tus ojos son inmensos lodazales,
en el fondo de los grandes lagos.

Musgos antiguos
en los troncos con parásitos.

Y el canto de fierro viejo,
en los goznes oxidados

De los portones,
en el silencio de los jardines,

Yaga, mudo, por tus ojos.

Inmensos lodazales estancados,
Pasados, repasados, traspasados,

Y los siglos de los lagos,

Grandes lagos,
oyendo la eternidad,
estancados.

Y los musgos antiguos

Remontando.

Enormes árboles, curvados
por el tiempo,

Y los musgos que se infiltran
por los troncos engrosados
de los árboles,
deteniendo e reteniendo.
Ojos, color de musgos
color de los inmensos lodazales.
estancando el lado de mis ojos,
con parásitos el tronco de mi cuerpo
canta el canto oxidado
De los goznes de los portones.
Es la canción café verde
de la conquista y de la apatia,
Son eterno, son claro,
por tus ojos color de musgos,
Color de inmensos lodazales,
donde adormecidas vagan
las herrumbres de los portones.

SP. 23/09/07.

IV

CASA DO MEU PASSADO

Casa do meu passado. Nobre e mansa.
O tempo deu-te, músico, estas asas,
Com que me segues desde bem criança.
Como és tu diferente de outras casas.

Porto já te chamei, plena a esperança,
Quando eras tu fogueira e não só brasas,
Naqueles anos em que não se cansa
Navegar o menino em águas rasas.

Hoje nem és mais porto em águas rasas,
Talvez, levou-te o tempo da esperança.
Casa, tão diferente d'outras casas,

Nos teus muros morreu Ives criança.
Restaram nele apenas tuas asas
De passado e de casa nobre e mansa.

V

SONETO

Para Ruth

A vós estes meus versos mal soantes,
Senhora, vos dedico, humildemente,
Por vós, se em não vos sendo indiferente,
Razão de amigos vossos, sem instantes.

De vós nobre retrato vossa gente
A mim vós me traçou em diamantes,
Como igual não guardara aos tempos dantes
Retrato retratado mais ardente.

Mas se em mim vossa vista inda deseja,
Eu a vós, vossa vista ver não sonho,
Que a vossa vista a minha desconheça.

Que se a minha na vossa ver se almeja,
Como os versos que a vós eu vos componho
Creio ver eu a vós nunca mereça.

VI

SONETO

Pela brancura de teu peito quente,
Desvendo o belo sonho da esperança,
Reclinando-me, trêmulo e contente,
Na posição daquele que descansa.

Repousa tua carne na lembrança,
Teu coração eu abro docemente,
A carne ao lado dele como é mansa!
E como é grande um coração que sente!

O tempo continua. Mas existe?
O canto do silêncio não tem fim
E a calma do momento lhe convêm.

O sonho senão nisto é que consiste.
Há muito tempo que eu não sou assim.
Há muito tempo que não és também.

VII

SONETO

Para Ruth

Pelos cardos brotados por teu rosto,
Como as muscíneas pelos troncos velhos,
Eu descobri poeira de evangelhos
E as lembranças arcaicas de um desgosto.

Descobri, mas o calmo mês de Agosto,
O calmo mês calou-me e os evangelhos,
Como os musgos varando troncos velhos,
Descolocaram cardos de teu rosto.

E o teu rosto sereno fez-se pálido,
E, já sem nele ter brotados cardos,
Como as muscíneas pelos troncos velhos,

O meu rosto embalou, num olhar cáldo,
Envolvendo-me a vida e o ser em nardos
Espanada a poeira de evangelhos ...

08/08/55.

VIII

SONETO

Teu colo branco é a areia do deserto,
A rescaldante areia que me mata,
Pois quanto mais devoro a areia ingrata,
Mais sinto-me a esta areia descoberto,

Ao deixar o negror daquela mata
De teu cabelos negros foi que incerto
O caminho se fez e não mais perto
Se não das dunas quentes cor de prata.

A sede arde-me o peito e o peito colo
A areia onde deliro subo dunas
E ao pico destas dunas me abeberro.

E assim enlouquecido, neste colo,
Meus lábios erram, trêmulas escunas,
Queimando a minha carne, em brasa e ferro.

IX

SONETO

Na solidão servil do esquecimento
Pareço terminar meus tristes anos,
Depois de ter sofrido os desenganos
Da amizade, do amor e do talento.

Amigos tantos tive, mas o vento
Da má sorte levou-me estes insanos,
Amores outros tantos vis enganos
Causaram-me perdendo o meu intento.

Sobre o talento um pálido sudário.
Tombou quando chamava Deus, em vão,
Roubando-me o consolo desta vida.

E agora como um lobo solitário,
Ferido mortalmente o coração,
Eu marcho pelo mundo, a frente erguida.

X

SONETO

Ainda tua ausência, longo tempo,
Pressinto, hei de sentir, os olhos vagos,
Inconsolado o sangue de meus nervos
E o abismo espantoral inconsolável.

Talvez, por ser remota a tua vinda,
O sangue há de traçar novos caminhos,
Porém, no desconhecido de minh'alma,
Apenas teu caminho há de traçar.

É triste o sangue morto pelas veias.
O sangue é o caminheiro que uma fonte,
Noutras fontes bebendo a eterna busca.

Assim o sangue meu não será morto
E o dia em que viveres para sempre
Há de estar lá o sangue a tua espera.

09/02/57.

XI

SONETO

Faz tanto tempo que eu parti, chorando,
Faz tanto tempo que eu nem mesmo sei,
O tempo passa e como passa e quando,
Dizer não posso, pois não fiz tal lei.

Partida fiz e como lamentei
O que fizera e embora lamentando,
Partida feita penso em que serei,
Se tudo é feito e já não mais sou brando.

O que já fui já não mais posso ser,
O que serei é fruto inda no ramo,
E o que bem sou é falso e sem verdade,

Mas passa o tempo sempre a discorrer,
E o que na vida amei já não mais amo,
E o que me foi comum dá-me saudade.

Berna, julho 1953.

XII

SONETO

Para Ruth

Rumarei através da tempestade,
Único sempre, sempre solitário,
Tendo por guia o destemor da idade,
Heróica e frágil, manto e não sudário.

Sulcando os tempos revoltosos, calmo,
Almejando o combate pelo espaço
Levarei, como lema, interno salmo,
Excitador viril de meu cansaço.

Supremamente fraco, serei forte.
Vivendo a própria força da fraqueza,
Irônico ao binômio vida-morte.
Desbravador comum da Natureza,

Assim eu rumarei, por esta senda,
Lasso de toda a luz, que não me ofenda.

29/09/54.

XIII

SONETO

Eu não ousou, Senhora, a sós, falar-te
E, se falar-te eu ousou, nada falo
E cuido mais falar-te quando calo
Do que quando falando, não falar-te.

Eu não ousou, Senhora, algo dizer-te
E se dizer-te ousasse, não diria,
Que tal ventura não mereceria
E eu não ousou, Senhora, merecer-te.

Meu olhar, à distância, tantas vezes
Não se sabe conter e ousa beijar-te
Que, por vezes, eu ousou ... e nada falo.

E assim, mês após mês, correm os meses
E eu cuido mais falar-te, quando calo
Do que, quando falando, não falar-te.

Março de 1955.

XIV

SONETO

Figura sem nobreza e esganiçada,
Eis, num verso somente o meu retrato,
Capaz de soluçar numa balada
Ou de correr de quatro, em pizzicato,

Ferino, para alguns, lembrando um gato,
Par'outros frio, como a fria espada,
Tristonho, sem ser triste, em triste fato
E alegre se entra numa patuscada.

Carradas de talento dizem ter,
Mas inda não os viu aparecer,
Amoroso perdido das meninas,

Poeta d'água doce ou beira-mar
Que, em versos, sabe só choramingar,
Eis meu perfil composto por esquinas.

Setembro 1952

XV

MUSA

Quando nada existia no universo,
Se não da confusão o espesso manto,
Foste o divino e calmo elo disperso
Que Deus usou para entoar seu canto.

Quand'inda o primo vate fez um verso,
Chorando no amargor seu desencanto,
Foste tu quem somente o viu imerso,
No consolo singelo desse pranto.

E quando enfim, o bardo mais fugaz,
Pela primeira vez, morreu ao vento,
Foste-lhe o negro e cândido sudário.

Como és e como foste, assim serás
Lembrada eternamente no tormento,
Enquanto houver um poeta solitário.

Janeiro de 1953.

XVI

SONETO

Suposição de neve embalsamada,
Conceito cristalino de uma pena,
Instante incandescente da alvorada,
Sutil lembrança lenta de açucena,

Alva suspeita pálida e serena
Ofuscante esperança alcantilada,
Transfiguração branca de verbena,
Mui breve linguajar de uma balada.

Formosa mão de toda enclausurada
No castelo arruinado desta arena
De meu coração frio, como a espada,

Ebúrnea emanção, linda e pequena,
Saudade de jasmim, foste osculada,
Por minha triste boca em calma cena.

1952

XVII

SONETO

Por tudo que tu me deste,
Pela cruz que carregaste,
Pelo bem que me quiseste
que se fora, por contraste.

Por aquilo que fizeste,
Mas que nunca declaraste,
Pelo amor que ao vento deste
Murchou tristonho em su'haste

E por tudo isto qu' é parte
Desta nossa longa prece,
Em que nós fomos imersos,

Só posso recompensar-te,
Embora tarde o fizesse,
Com estes pálidos versos.

Março de 1952.

XVIII

SONETO

O tempo já se faz de madureza
Aos vinte e oito continuo o mesmo,
Apenas com um toque de certeza
A mais do que no tempo de eu a esmo.

O lírico se extingue pouco a pouco,
Sem queixumes ou gritos normalmente
E se retorna, às vezes, menos louco
Que antanho se transforma, docemente.

Não sei que descrição me cabe agora.
Discreto me refaço e o trocadilho,
Discretamente, descortina a hora
Em que, no meu lugar, será meu filho.

A família no tempo do eu maduro.
É a conquista que faz claro do escuro.

14/04/63.

XIX

POEMA DO EU MADURO

Descortinou, por fim, sua semente,
No sossego da prece silenciosa,
Quem origem buscara diferente
Do místico embrião surgiu a rosa.

Surgiu como a verdade que não teme
Se não ser mais verdade em Notre Dame
E o verso destreinado ao novo leme
Esqueceu quando mesmo, o ensaio infame.

Eterna Rosa Mística do Amor,
Que os corações transforma em descoberta,
Quem, na vida, não via nova dor
Nova cor desvendou em hora certa

E agora quem origem diferente
Buscara, encontra só sua semente.

14/10/62.

XX

PARA O ANIVERSÁRIO

*Para Leontina
De Ruth e Ives*

Sem o talento de Fídias,
Nós te damos estas rosas,
Tu que pensas que as orquídeas
São das flores mais formosas.

As frases que tu esposas
Contra as rosas são perfídias,
Ruth e eu queremos rosas
Sem desquerer das orquídeas.

Mas, no teu aniversário,
Nestes versos que te fiz
De cumprimentos, Leontina,

Vão as rosas de um rosário,
Pois te queremos feliz,
Nossa médica menina.

15/02/05.

XXI

AO SOM DE “DARLING”

Para Ruth

Renascem sensações primaveris,
Descortinando o encanto de teus olhos,
E os versos que desfaço e que desfiz
Despencam como as ondas nos escolhos.

O canto dilacera o coração
E transborda no passo de meu paço.
Lindo sonho, que nunca foi em vão,
Preenche sempre mais o teu espaço.

Querida, o teu amor é o meu amor.
E o muito te querer me faz igual
À beleza que há no sol a pôr
Ou na busca do eterno Santo Graal

É na luta que eu luto, nesta lida,
Que eu sinto que tu és a minha vida.

22/01/05.

XXII

SONETO

A luta contra o tempo faz estrago,
Que não só pela pele se descobre.
A vida que devoro num só trago,
Mesquinha ora se faz, mas também nobre.

O fim que se avizinha todo o dia,
Não sei como será, porém será.
Quando jovem jamais eu pensaria
Que a morte pode ser boa ou ser má!

Amigos do passado não sei quantos?
Só sei que a companhia hoje é menor.
Aqueles qu'inda restam não são tantos,
Nem sua permanência é bem melhor.

Sereno, todavia, espero o fim
Com Deus e co'a família em meu jardim.

23/04/2000.

XXIII

SONETO

Eu cruzo sem tristeza o espaço que me resta,
Descubro mil verdades não imaginadas,
As forças se extinguindo num final de festa,
Do eterno começando por subir escadas.

Conheço pelo tempo o que é tempo pretérito,
Desfazendo o cenário, que bem compusera
Não sei se neste andar a trilha tem seu mérito
A caminho do inverno e não da primavera.

Cada dia o presente torna-se passado
E o passado desvenda o doce esquecimento
Eu marcho p'ro futuro, com Ruth do lado,
Na certeza que tudo desfará ao vento.

Eu cruzo sem tristeza aquele meu espaço,
Que descortinará, um dia, meu cansaço.

SP. 02/04/2000.

XXIV

NO CASAMENTO DA TIA TERESA

Para Fernanda, minha neta.

A princesa está descalça.
Nenhuma pompa lhe resta.
Não dançou nenhuma valsa.
Calçada estava na festa.

A roupa branca realça
A formosura da testa,
Cobrindo o corpo sem alça,
Ao som de antiga seresta.

No casamento da tia,
A princesa andou sozinha,
Pois da noiva foi a dama.

E fez de nós a alegria,
Permitindo ao que caminha
Do amor renascer a chama.

25/03/2005.

XXV

UM GRITO

Um soneto a mais nesta semana,
Escrevo sem assunto e sem memória,
O cansaço não faz a mente sana,
Nem descortina em mim a própria história.

Sem tempo, sem dormir, sempre trabalho,
Mil coisas mal fazendo, mas fazendo.
Eu falo sobre tudo e tudo espalho
Tal como espalha tudo o minuendo.

Se paro não reflito o que hoje faço.
Eu grito compulsivo contra o mal,
Que invade no Brasil um grande espaço,
Tornando no poder o roubo igual.

Eu grito pelo povo e por respeito,
Neste grito que explode pelo peito.

XXVI

SERGIPE

Do Velho Chico a estrada aqui descobre
O seu ponto final e onde começa
A saga deste povo ativo e nobre,
Unido a seu país numa só peça.

Sergipe tão pequeno e gigantesco
Gerou gente estupenda p'ra nação,
E fez no imaginário o próprio afresco
Descortinando um imenso coração.

Sergipe tão Sergipe tão Brasil,
Dos mares e das praias sem igual
De um céu a desvendar a cor anil,
Em muito bem tornando todo o mal.

E nele brilha a sua Academia
A qual se faz eterna todo o dia.

10/03/2008.

XXVII

UM PAÍS CORRUPTO

Um país só de governo,
Só preocupado consigo.
Em meu desconforto externo,
O poder vira inimigo.

Quanto mais burocracia
Mais quem comanda é ladrão.
Bem se rouba todo o dia.
Pois qualquer protesto é vão.

Democrata e servidor,
Coisa rara no Brasil.
Assalta-se sem pudor,
Que o povo já desistiu.

Dos gatunos vê-se a dança,
Na nação sem esperança.

05/03/2006.

XXVIII

O CAMINHAR DO TEMPO

Eu descubro de novo, o meu passado,
Os passos formatando meu presente,
Meu futuro não vejo, nem meu fado,
Que carrego, num tempo diferente.

As pontes despencaram pelos rios,
Os sonhos desfizeram-se no espaço,
O sol sempre reflete tais estios,
Sem sombras, que afugentam seu mormaço.

Combato a luta rude tão sozinho,
Mal desvendando o pálido horizonte,
Mas sigo, sem parar, o meu caminho
Que mostrará, por fim, a eterna fonte.

Meu passado presente é meu futuro
Que tornará bem claro o que era escuro.

05/03/2006.

XXIX

DUAS QUADRAS

As duas últimas quadras
Eu as faço meu amor,
Para nestas duas páginas
Com emoção eu as pôr.

Eu te quero amada minha,
Pelo tempo sempre linda.
E a nossa vida caminha
Com tua beleza infinda.

11/06/2006.

XXX

DOIS SONETOS

MEU TEMPO

Para Ruth

Meu tempo nunca envelhece.
O corpo sim. Tatuagem
São as rugas de uma prece
Neste findar da viagem.

Meu tempo nunca entristece
Mesmo se envolto em voragem,
Pois dele procuro a messe,
Sem trator e sem forragem.

Meu tempo nunca aparece,
Apesar dos que reagem.
Meu tempo não desmerece,

Corre nele igual voltagem,
Mas meu tempo em tempo desce
Para ser sempre seu pagem.

06/02/2008.

61 ANOS DE NAMORO

A idade cicatrizes faz na pele,
Mas nunca deixa marca n'alma pura,
Mesmo que o tempo o corpo mal modele,
Jamais altera a tua formosura.

Mulher amada, mãe, também avó,
A todos teu amor é destinado,
Ninguém nesta família fica só,
Nem da Virgem, de Deus fica de lado.

Apenas um só ano com sessenta
Tua vida comigo partilhaste
E a dívida que tenho mais aumenta
Por ver-te, linda flor, serena em haste.

Quanto te quero, Ruth, quanto, quanto,
Que meu amor não cabe neste canto.

SP. 24/12/1953

24/12/2014.

QUADRAS DE UM HOMEM COMUM

I

Os sonhos dos samurais
Eu tenho dentro do peito,
E canto, como os jograis,
Um canto a Deus, a meu jeito.

SP. 18/03/2015.

II

Quero-Te Virgem Maria
Com o querer cavaleiro
E de José, no seu dia,
Ter sua fé, por inteiro.

SP. 19/03/2015.

III

Cantador no meu espaço,
Cantador só por cantar,
Meço na vida meu passo
E vivo do teu olhar.

31/03/2015.

IV

Tuas luzes estelares
Desnudam o céu aberto,
Brilhando em bravios mares
Nascidos no meu deserto.

Jaguariúna 03/04/2015.

V

Minha nau tem nos seus mastros
A bandeira dos oitenta.
Eu comando olhando os astros,
Junto ao leme, em marcha lenta.

05/04/2015.

VI

Ó Meu Senhor e Meu Deus,
Vivemos ressurreição,
Os Teus louros, são os meus,
Enchendo meu coração.

SP. 07/04/2015.

VII

Quantos anos, nesta vida,
Que tu estás junto a mim
Vivemos uma só vida,
Dentro de nosso jardim.

SP. 15/04/2015.

VIII

O teu olhar tem encanto,
Malgrado teres idade,
Mantém sempre no meu canto,
Presença, amor e saudade.

Jaguariúna, 21/04/2015.

IX

Eu embarcava na lua,
Pintando minha aquarela,
A inspiração sempre nua
Andava de caravela.

SP. 24/04/2015.

X

Em noite de lua cheia
Tinha sonhos aos milhares
E meu castelo de areia
Roçava a ponta dos ares.

SP. 25/04/2015.

XI

Nos tempos claros da lua
Eu era menino-rei,
Andava por minha rua,
Senhor de um reino sem lei.

SP. 26/04/2015.

XII

Meus papagaios na lua
Chegavam com as estrelas,
Tinha sempre a imagem nua
Da esperança por retê-las.

SP. 27/04/2015.

XIII

Quando te vi, branca e nua,
No casamento, tão linda,
Lembrei-me da branca lua
Que a eternidade não finda.

Jaguariúna, 06/06/2015.

XIV

Justificar o errado,
Sem justificar o erro,
Traz sempre pro nosso lado
Quem estava no desterro.

SP. 18/06/2015.

XV

O tempo passa e repassa
Nossa vida apaixonada,
Apesar da força escassa,
Eu sem você não sou nada.

22/06/2015.

XVI

A soledade lunar
Descortina minha infância,
Que caminha sem parar,
Cada vez a mais distância.

10/07/2015

XVII

Cavaleiro sem bornel,
Tenho n'alma tu'imagem,
É bem mais doce que o mel
O teu olhar sem blindagem.

SP. 23/07/2015.

XVIII

Quando a mulher põe-se nua
Camões dizia em ternura,
Faz-se a vida menos crua
Em frente da formosura.

SP. 01/08/2015.

XIX

A beleza da nudez
Sem desejo é sempre pura,
Mas quando com cupidez
Faz mal e torna-se impura.

SP .01/08/2015.

XX

A nudez no casamento
Ganha a pureza do encanto
E torna-se sacramento
O leito sagrado e santo.

SP.01/08/2015.



POEMAS DE UM TEMPO ESQUECIDO



QUADRAS DE UM HOMEM COMUM,
de IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
com editoração de GIORDANUS
para o selo PAX & SPES,
publicou-se em setembro de 2015.
São Paulo.

Impressão e Acabamento
Dartira
G r á f i c a
(011) 4393-2911

富嶽千景
駿州
江尻

千景有富嶽

